

A woman with long, wavy blonde hair and a bright smile is wearing a strapless, emerald green dress. She is standing in a lush garden with a large, classical-style building in the background under a blue sky with light clouds. The scene is vibrant and romantic.

SARAH MACLEAN

ELA PEDE-LHE QUE LHE ENSINE
TUDO SOBRE O AMOR.
ELE TENTA RESISTIR-LHE
COM TODAS AS FORÇAS.

UM CONDE APAIXONANTE

TOP
SEL
LER

DA AUTORA DE *UM MARQUÊS IRRESISTÍVEL*,
VENCEDOR DO PRÉMIO MELHOR ROMANCE HISTÓRICO

Para as raparigas que usam óculos

Cross



Londres, primeiros dias de primavera, 1824

Ser o segundo filho tinha as suas vantagens. Libertino, trapaceiro ou biltre: se havia algo de incontestável na sociedade era, sem dúvida, que um herdeiro tinha de se corrigir. Podia causar estragos, pagar o tributo à mocidade e até escandalizar a sociedade com as suas indiscrições próprias da juventude, porém, o seu futuro estava lavrado em pedra pelo melhor dos pedreiros. No final, ver-se-ia agrilhado ao seu título, às suas terras e à sua herança — um prisioneiro da aristocracia sentado ao lado dos seus pares na Câmara dos Lordes.

Não, a liberdade não estava reservada aos herdeiros, apenas aos substitutos. E Jasper Arlesey, o segundo filho do Conde de Harlow, sabia-o muito bem. Também sabia, com o profundo entendimento de um criminoso que escapa por pouco à forca, que — apesar de ter de renunciar à herança do título, das terras e da fortuna familiar — era o homem mais afortunado do planeta por ter nascido 17 meses *depois* de Owen Elwood Arthur Arlesey, filho mais velho, primogénito, Visconde de Baine e herdeiro do condado.

Era sobre Baine que recaía o pesado fardo da respeitabilidade e da responsabilidade de ser herdeiro. Sobre ele pesavam as esperanças e os sonhos de uma longa linhagem de lordes de Harlow. Era Baine quem estava obrigado a corresponder às expetativas de todos os que o rodeavam — progenitores... pares... criados... todos.

E o perfeito, respeitável e aborrecido Baine estava à altura de cada uma dessas expetativas.

Graças a Deus.

Fora Baine quem acompanhara a irmã mais nova à sua primeira festa no clube Almack's naquela noite. Sim, Jasper havia inicialmente concordado

em cumprir essa tarefa, prometendo a Lavinia que por nada no mundo faltaria a um evento tão importante para ela. Contudo, as suas promessas eram apenas palavras levadas pelo vento — como toda a gente sabia — e fora Baine quem a acompanhara. Correspondendo às expetativas, como sempre.

Jasper, por outro lado, estivera ocupado a ganhar uma fortuna numa das casas de jogo mais mal-afamadas de Londres... e mais tarde a celebrar, fazendo precisamente aquilo que os filhos mais novos e malcomportados deviam fazer. Estar na cama de uma bonita mulher.

Baine não era o único que se portava à altura das expetativas.

Um dos cantos da boca de Jasper curvou-se num sorriso secreto ao recordar o prazer desmedido de que desfrutara naquela noite, para logo se desvanecer ao recordar-se do pesar que sentira por se ver forçado a abandonar os lençóis quentes e os braços convidativos da mulher com quem passara a noite.

Levantou a aldraba da porta traseira que dava acesso às cozinhas da Casa Arlesey e entrou sorrateiramente. A divisão encontrava-se às escuras e em silêncio naquela manhã fria e cinzenta de março, escura o suficiente para esconder as suas roupas desalinhadas, o lenço do pescoço com o nó meio desfeito e a marca de dentes que assomava sob o colarinho aberto da camisa.

Quando a porta se fechou, uma criada alarmada levantou a cabeça do local onde se encontrava agachada, junto à lareira, alimentando as chamas antes da chegada da cozinheira. Levantou-se, levando uma das mãos aos seus jovens e abundantes seios.

— Meu senhor! Pregou-me cá um susto!

Jasper mostrou-lhe um sorriso maroto antes de fazer uma vénia que deixaria qualquer cortesão orgulhoso.

— Mil desculpas, minha querida — pediu num tom arrastado, adorando o rubor que aflorara às maçãs do rosto da jovem que já o perdoara.

Inclinou-se ao passar por ela, perto o suficiente para escutar o modo como sustinha a respiração e ver como o coração dela batia mais célere, roubando uma bolacha de um prato ali colocado por ela para o resto do pessoal da cozinha, demorando-se no movimento mais do que era necessário, adorando o modo como ela tremia de antecipação.

Nunca lhe tocara, claro; aprendera bem cedo que a criadagem era intocável.

Mas isso não o impedia de a amar um bocadinho.

De amar todas as mulheres — independentemente das suas formas, tamanhos e classe social. Adorava a suavidade da sua pele e das suas curvas suaves, a forma como arquejavam e davam risadinhas e suspiravam,

os jogos tímidos das mais abastadas e o modo como as menos afortunadas o fitavam, como se tivessem estrelas a brilhar nos olhos, ansiosas pela sua atenção.

As mulheres eram, sem dúvida alguma, a mais bela criação de Deus. E, aos 23 anos, planeava passar o resto da vida a adorá-las.

Deu uma dentada na bolacha e piscou-lhe o olho.

— Não vai dizer a ninguém que me viu aqui, pois não?

Ela arregalou os olhos e logo abanou a cabeça.

— N-não, senhor. Quer dizer, meu senhor.

Sim, sem dúvida que ser o segundo filho tinha as suas vantagens.

Após outra piscadela de olho e de mais uma bolacha roubada, Jasper esgueirou-se da cozinha para o corredor que levava às escadas de serviço.

— Por onde andou?

Vestido de negro, Stine, o homem de confiança do seu pai, materializou-se das sombras com uma expressão acusatória e algo muito pior espelhado no seu rosto comprido e pálido. O coração de Jasper acelerou com a surpresa, embora diabos o levassem se alguma vez na vida o admitisse. Não recebia ordens de Stine. Já era mau o suficiente estar obrigado a aceitá-las do patrão de Stine.

O seu pai.

O homem cujas expectativas em relação ao filho mais novo eram mais baixas do que as de todos os outros reunidas.

O filho em questão balançou-se nos calcanhares e sorriu com afetação.

— Stern... — disse lentamente, apreciando a forma como o homem mais velho ficava tenso ao escutar o erro no seu nome. — É demasiado cedo para a caça, não acha?

— Pelos vistos, não é demasiado cedo para si.

Jasper sorriu, como um gato apanhado com um canário na boca.

— Tem toda a razão. É até bastante tarde. Tive uma excelente noite, e preferia que não me arruinasse... as recordações. — Deu uma palmada no ombro do outro homem e avançou.

— O seu pai anda à sua procura.

Jasper não se voltou.

— Acredito que sim. Mas também acredito que pode esperar.

— Não creio que possa, Lorde Baine.

Levou um momento a processar aquelas palavras. A escutar o título. A compreender o seu significado. Virou-se, simultaneamente horrorizado e incrédulo. Quando falou, a sua voz parecia infantil e hesitante, apenas um murmúrio.

— O que foi que me chamou?

Stine semicerrou ligeiramente os olhos. Um gesto fugaz. Mais tarde, seria esse movimento quase impercetível dos olhos negros e frios de Stine que Jasper recordaria.

Elevou o tom de voz, furioso.

— Fiz-lhe uma pergunta.

— Chamou-te Baine.

Jasper virou-se para encarar o pai, o Conde de Harlow, alto, forte e inflexível. Até naquele momento, em que o seu legado se desmoronava em seu redor, e ele fitava a desilusão da sua vida.

Agora seu herdeiro.

Jasper esforçou-se por recuperar o fôlego, e depois para encontrar as palavras.

O seu pai foi o primeiro a consegui-lo.

— Devias ter sido tu.

Capítulo 1



As vias de investigação viram-se gravemente limitadas, assim como o tempo. Em nome da correta informação, realizei alguns ajustes à minha investigação. Ajustes secretos sérios.

Diário Científico de Lady Philippa Marbury

21 de março de 1831; quinze dias antes do seu casamento

Sete anos mais tarde

A dama estava louca.

Ter-se-ia dado conta disso cinco minutos antes, se não estivesse meio a dormir e demasiado surpreendido por ter encontrado uma jovem loira, com óculos, sentada à sua secretária, a folhear o livro de contabilidade.

Podia ter-se dado conta disso três minutos antes se ela não tivesse dito, com toda a certeza, que ele havia somado erroneamente a coluna F, garantindo que a sua compreensão da loucura dela fosse antecipada pelo choque que sentiu ante a sua coragem e pela admiração das suas habilidades matemáticas. Ou quiçá tivesse sido o contrário.

E, sem dúvida alguma, ter-se-ia apercebido que aquela mulher estava completamente louca sessenta segundos antes se não estivesse ocupado a vestir-se à pressa. Pois, durante um bom tempo, a sua camisa parecia ter perdido a abertura para passar a cabeça, o que só podia tratar-se de uma distração.

Todavia, naquele instante já se encontrava bem desperto, tinha fechado o livro de contabilidade (corretamente somado) e estava completamente (ainda que não corretamente) vestido. O universo voltara ao seu eixo e ele

recuperara a capacidade de pensar de forma racional mais ou menos no momento em que ela lhe explicou o que desejava.

E foi então que, no silêncio que se seguiu ao seu anúncio, Cross se deu conta da verdade.

Não havia a menor dúvida: Lady Philippa Marbury, filha do Marquês de Needham e Dolby, cunhada do Marquês de Bourne e dama respeitada da sociedade, estava completamente doida.

— Desculpe? — disse, surpreendido por ainda ser capaz de manter alguma cortesia face àquela insanidade. — Não devo tê-la ouvido muito bem.

— Oh, estou convencida de que escutou perfeitamente — argumentou ela com simplicidade, como se estivesse a comentar o estado do tempo; os seus enormes olhos azuis perturbadores como os de uma coruja atrás de grossas lentes. — É possível que o tenha surpreendido, mas não há problema nenhum com a sua audição, garanto-lhe.

Ela aproximou-se, deslizando por entre meia dúzia de colunas formadas por livros e por um busto da Medusa que já há algum tempo Cross planeava tirar dali. A bainha da sua saia azul clara roçou contra o corpo alongado de uma das serpentes da estátua e o frufro do tecido contra o bronze foi como se uma pontada de consciência o atravessasse.

Errado.

Não estava consciente da presença daquela mulher. *Não iria tomar* consciência da presença dela.

Estava demasiado escuro naquela maldita sala. Desviou-se para acender um candeeiro que havia junto à porta. Quando desviou a sua atenção daquela tarefa, percebeu que ela tinha mudado de trajetória.

Aproximava-se dele, obrigando-o a recuar contra a pesada porta de mogno, desequilibrando-o. Por momentos, considerou abri-la só para ver se ela saía, deixando-o sozinho no seu gabinete e libertando-o da sua presença. *Daquilo que ela representava.* Teria gostado de fechar a porta nas costas dela, de fazer de conta que aquele encontro nunca acontecera e de retomar as suas tarefas.

Esbarrou contra um enorme ábaco e o chocalhar das bolas de ébano acordou-o dos seus devaneios.

Parou de recuar.

Ela continuou a avançar.

Ele era um dos homens mais poderosos da Grã-Bretanha, coproprietário de uma das casas de jogo mais conhecidas de Londres, uns bons vinte e cinco centímetros mais alto do que ela e bastante temível quando assim o desejava.

Lady Philippa Marbury não era o tipo de mulher na qual ele estivesse habituado a reparar e muito menos o tipo de mulher que esperasse receber a sua atenção. E não se tratava certamente do tipo de mulher que o fizesse perder o controlo.

Controla-te, homem.

— Alto.

Ela deteve-se; a palavra, dura e defensiva, pairando entre eles. Cross não gostou. Não apreciou o que aquele som abafado deixara transparecer sobre a forma como aquela estranha criatura o afetava.

Graças a Deus ela não o notara. Ao invés, inclinou a cabeça para o lado à semelhança de um cachorrinho curioso e ansioso, e ele teve de resistir à tentação de ficar a olhá-la durante mais tempo.

Não debes mirá-la. Não devia ser certamente contemplada por ele.

— Terei de repetir? — perguntou ela, ao ver que ele não dizia nada.

Cross não respondeu. Não era necessário que repetisse. O pedido de Lady Philippa Marbury ficara gravado a fogo na sua memória.

Todavia, ela levantou a mão, ajeitou os óculos sobre a cana do nariz e respirou fundo.

— Preciso que arruíne a minha reputação.

As palavras eram tão simples e decididas quanto haviam sido da primeira vez que as proferira, sem o menor sinal de nervosismo.

Arruinar. Observou o modo como os lábios dela se curvavam para pronunciar as sílabas, acariciando as consoantes e demorando-se nas vogais, transformando a experiência de escutar aquele vocábulo em algo surpreendentemente idêntico ao seu significado.

Ficara demasiado calor no escritório.

— Está louca.

Ela calou-se, claramente surpreendida por aquela declaração. Ótimo. Já ia sendo tempo de que alguém, que não apenas ele, se mostrasse admirado com os acontecimentos daquele dia. Por fim, ela abanou a cabeça.

— Creio que não.

— Devia considerar seriamente essa possibilidade — argumentou Cross, afastando-se e aumentando assim o espaço entre eles, uma iniciativa difícil naquele atravancado escritório —, uma vez que não existe uma explicação racional para se encontrar sem dama de companhia na casa de jogo mais conhecida de Londres a pedir-me que lhe arruíne a reputação.

— Não seria nada inteligente da minha parte ter trazido uma acompanhante — salientou ela. — Na verdade, uma dama de companhia teria impossibilitado por completo esta situação.

— Por isso mesmo — disse ele, dando uma passada mais comprida para evitar pisar um monte de jornais e ignorando o aroma a roupa lavada e a sol que a envolvia. E a ele também.

— Na verdade, vir com uma dama de companhia à «casa de jogo mais conhecida de Londres» é que teria sido uma loucura, não concorda? — Esticou a mão e passou um dedo pelas maciças contas do ábaco. — É muito bonito. Costuma utilizá-lo?

Ele distraiu-se com o movimento dos compridos e pálidos dedos sobre as bolas negras, pela forma como a ponta do dedo indicador se inclinava ligeiramente para a direita. Imperfeita.

Porque não estava ela a usar luvas? Não haveria nada de normal naquela mulher?

— Não.

Lady Philippa virou-se para ele e Cross viu curiosidade nos seus olhos azuis.

— Não, não usa o ábaco? Ou não, não acha que ter vindo com uma dama de companhia teria sido uma loucura?

— Nenhum dos dois. O ábaco é pesado e difícil de manejar...

Ela empurrou uma das esferas de uma ponta até à outra.

— É capaz de fazer as contas mais depressa sem ele?

— Precisamente.

— O mesmo posso eu dizer em relação às damas de companhia — contrapôs ela num tom sério. — Sou muito mais eficiente sem elas.

— Considero-a mais perigosa sem elas.

— Acha-me perigosa, senhor Cross?

— Apenas Cross, não é necessário usar o «senhor». E sim, considero-a um perigo.

Ela não se sentiu insultada.

— Para si? — Na verdade, parecia satisfeita consigo própria.

— Sobretudo para si própria, mas imagino que também fosse um perigo para mim caso o seu cunhado a encontrasse aqui. — Embora fossem velhos amigos e sócios, Bourne arrancar-lhe-ia a cabeça se Lady Philippa fosse descoberta ali.

Ela pareceu aceitar a explicação.

— Bem, então tratarei de ser rápida.

— Eu preferia que fosse rápida a sair.

Ela abanou a cabeça e elevou o tom de voz o suficiente para que ele tomasse consciência da presença dela.

— Oh, não. Lamento muito, mas não pode ser. Sabe, elaborei um plano e necessito da sua ajuda.

Graças a Deus, ele já conseguira chegar à sua secretária. Afundou-se na cadeira que chiou, abriu o livro de contabilidade e fingiu que olhava para os números ali anotados, ignorando que a presença daquela mulher transformava os números em borrões cinzentos.

— Temo, Lady Philippa, que o seu plano não faça parte dos *meus* planos. Veio até aqui em vão. — Levantou a cabeça do livro. — E, já agora, como foi que chegou até aqui?

O olhar dela, sempre tão resoluto, pareceu vacilar.

— Diria que da maneira habitual.

— Como já vimos, a maneira habitual implica uma dama de companhia. E não envolve uma casa de jogo.

— Vim a pé. — Houve uma breve pausa.

— Veio a pé.

— Sim.

— Sozinha.

— Em plena luz do dia. — Havia uma atitude defensiva no tom dela.

— Atravessou Londres a pé...

— Não é muito longe. A nossa casa fica...

— Quase a um quilómetro para o lado do Tamisa.

— Não precisa de o dizer como se fosse na Escócia.

— Atravessou Londres a pé em plena luz do dia até à entrada d'O Anjo Caído, onde imagino terá batido à porta e esperado que a deixassem entrar.

Viu-a enrugar os lábios, porém recusou-se a deixar-se distrair por aquele movimento.

— Sim.

— Numa rua pública.

— Em *Mayfair*.

Cross ignorou o ênfase que ela colocou na última palavra.

— Uma rua pública onde se situa o mais restrito clube masculino de Londres. — Ele fez uma pausa. — Foi vista por alguém?

— Não lhe sei dizer.

Louca.

— Suponho que saiba que as senhoras não fazem esse tipo de coisas.

Uma minúscula ruga surgiu entre as sobrancelhas de Lady Philippa.

— É uma regra absurda, não concorda? Quero dizer, o sexo feminino tem acesso à locomoção bípede desde... bem... desde a Eva.

Cross tinha conhecido muitas mulheres ao longo da sua vida. Apreciara a sua companhia, as suas conversas e a sua curiosidade. Contudo, nunca antes estivera na presença de uma mulher tão estranha quanto aquela.

— Ainda assim, estamos em mil oitocentos e trinta e um. Nos dias que correm, as mulheres como a Lady Philippa utilizam carruagens. E não frequentam casas de jogo.

Ela sorriu.

— Bem, não *exatamente* como eu, uma vez que eu vim a pé e estou aqui; num clube de jogo.

— E quem a deixou entrar?

— Um homem. Parecia ansioso que o fizesse assim que lhe disse quem era.

— Não duvido nada. Bourne teria todo o gosto em destruí-lo se a sua reputação tivesse ficado manchada.

Ela ponderou sobre aquelas palavras.

— Não havia pensado dessa forma. A verdade é que nunca tive um protetor.

Ele podia protegê-la.

De onde tinha vindo tal coisa?

Pouco importava.

— Lady Philippa, eu diria que precisa de um exército de protetores. — Voltou uma vez mais a sua atenção para o livro de contabilidade. — Infelizmente, não possuo nem tempo nem aptidão para o cargo. Confio que saiba encontrar a saída.

Ela avançou, ignorando-o. Cross, levantou a cabeça, admirado. Ninguém o ignorava.

— Oh, não é necessário tratar-me por Lady Philippa. E muito menos se levarmos em conta o que me trouxe aqui. Por favor, trate-me por Pippa.

Pippa. Assentava-lhe bem. Muito melhor do que a versão completa e mais extravagante do seu nome. Todavia, ele não tinha a menor intenção de a tratar assim ou de qualquer outra maneira.

— Lady Philippa... — Deixou que o nome flutuasse entre eles de propósito. — Creio que está na hora de se retirar.

Ela deu outro passo na direção dele e pousou a mão no enorme globo terrestre que decorava uma das extremidades da secretária. Ele desviou o olhar para onde a mão dela tapava a Grã-Bretanha e reprimiu o desejo de atribuir um significado cósmico àquele gesto.

— Peço desculpa, mas não posso ir-me embora, senhor Cross. Preciso... Não ia suportar ouvi-la dizer aquilo uma vez mais.

— Que eu arruíne a sua reputação. Sim. Já deixou esse propósito bem claro. Tal como eu já manifestei a minha recusa em ajudá-la.

— Mas... não pode recusar.

Ele desviou o olhar para o livro de contabilidade.

— Já o fiz.

Ela não respondeu. Pelo canto do olho, ele viu-a mover os dedos, aqueles dedos estranhos e inadequados, viu-os deslizar pela aresta da sua secretária de ébano. Esperou que se detivessem. Que ficassem quietos. Que desaparecessem.

Quando levantou a cabeça, ela tinha os olhos fixos nele, aqueles olhos azuis e enormes atrás das lentes redondas dos óculos, como se tivesse esperado uma vida inteira que ele a fitasse também.

— Escolhi-o, senhor Cross. E fi-lo com bastante cautela. Tenho um plano muito concreto, muito claro e, ao mesmo tempo, muito limitado no tempo, que exige um parceiro de investigação. O senhor será esse parceiro.

Um parceiro de investigação?

Não queria saber. *Não queria.*

— Que tipo de pesquisa?

Raios.

Viu-a entrelaçar os dedos.

— O senhor é um homem famoso. — Aquelas palavras fizeram-no estremecer. — Toda a gente fala de si. Dizem que é perito nos aspetos cruciais de levar alguém à ruína.

Cross cerrou os dentes, detestando aquelas palavras e fingindo desinteresse.

— Ai sim?

Ela anuiu alegremente com a cabeça e começou a enumerar cada um dos itens com os dedos, ao mesmo tempo que os mencionava.

— É verdade. Jogo, bebida, pugilismo e... — Calou-se. — E...

Notou que ela tinha o rosto corado, todavia desejava saber o resto. Escutar aquele disparate. Acabar com aquela loucura.

— E...?

Ela endireitou as costas. Ele teria apostado todos os seus bens em como ela não responderia.

Teria perdido.

— E coito. — A palavra foi enunciada com suavidade e firmeza, como se finalmente tivesse deixado escapar aquilo que fora ali dizer. O que não era possível. Por certo não tinha escutado bem. De certeza que o seu corpo estava a responder incorretamente.

E antes que pudesse pedir-lhe que repetisse, ela inspirou e prosseguiu.

— Do que tenho ouvido, é nessa matéria que o consideram mais versado. E, para ser sincera, é precisamente nesse tópico que necessito dos seus serviços.

Só os anos passados a jogar às cartas com os jogadores mais experientes da Europa é que impediram Cross de revelar o choque que sentiu. Observou-a com atenção.

Não parecia uma mulher louca.

Na verdade, tinha um ar bastante normal: cabelo loiro normal, olhos de um azul comum, um pouco mais alta do que a média, mas não o suficiente para chamar a atenção, envergando um vestido normal que revelava uma extensão normal de pele clara e tersa.

Não, não havia nada que pudesse sugerir que Lady Philippa Marbury, filha de um dos nobres mais poderosos da Grã-Bretanha, fosse outra coisa para além de uma jovem perfeitamente normal.

Nada, claro estava, até abrir a boca e proferir coisas como *locomoção bípede*.

E *coito*.

Ela suspirou.

— Está a tornar isto bastante difícil, sabe?

Não sabendo muito bem o que lhe responder, disse:

— Peço desculpa.

Ela semicerrou ligeiramente os olhos por trás dos óculos.

— Não sei se acredito na sua contrição, senhor Cross. Se os mexericos das senhoras em todos os salões londrinos forem de fiar, e asseguro-lhe que são abundantes, então o senhor é um verdadeiro libertino.

Que Deus o livrasse das senhoras e das suas línguas viperinas.

— Não devia acreditar em tudo o que escuta nos salões femininos.

— Não tenho por regra fazê-lo, porém quando se ouve mencionar muitas vezes um determinado cavalheiro, como é o seu caso... as pessoas tendem a acreditar que existe um fundo de verdade nos mexericos. Como se costuma dizer, onde há fumo, há fogo.

— Não consigo imaginar o que terá ouvido.

Era mentira. Claro que ele sabia.

Ela agitou a mão.

— Bem, algumas coisas são perfeitos disparates. Dizem, por exemplo, que é capaz de despojar uma mulher das suas roupas sem usar as mãos.

— Ai dizem?

Ela sorriu.

— Uma tolice, eu sei. Não acredito.

— Porque não?

— Na ausência de força física que o mova, um objeto em repouso permanece em repouso — explicou.

Cross não foi capaz de resistir.

— Sendo a roupa das mulheres o objeto em repouso neste caso em particular?

— Sim. E a força física necessária para mover esse objeto seriam as suas mãos.

Faria ela alguma ideia da tentadora imagem que havia pintado na sua mente com uma descrição tão precisa e científica? O mais certo era nem imaginar.

— Já me disseram várias vezes que as minhas mãos são deveras talentosas.

Ela pestanejou.

— Como já percebemos, a mim disseram-me o mesmo. Mas garanto-lhe, senhor, que não podem desafiar as leis da física.

Oh, como teria adorado provar-lhe que estava enganada.

Mas, ela continuava a falar.

— Seja como for. A irmã de uma criada, a amiga da prima da outra, a prima da outra amiga ou a prima da criada... que importa? As mulheres falam, senhor Cross. E é bom que saiba que não têm vergonha de revelar pormenores. Sobre a sua pessoa.

Cross arqueou uma sobrancelha.

— A que tipo de pormenores se refere?

Ela hesitou e o rubor voltou ao seu rosto. Cross resistiu ao prazer que o percorreu ao ver aquele tom rosado. Haveria alguma coisa mais tentadora no mundo do que uma mulher ruborizada por causa de pensamentos escandalosos?

— Fui informada de que possuí um profundo conhecimento sobre... a mecânica... do ato em questão. — Ela usava um tom prosaico. Como se estivesse a falar do clima.

Ela não fazia ideia do que estava a fazer. Que animal estava ela a tentar. No entanto, tinha de admitir, coragem não lhe faltava; aquele tipo de coragem que levava as senhoras honradas a meterem-se em sarilhos.

E Cross sabia muito bem que o melhor era não ter nada a ver com isso.

Pousou as mãos no tampo da secretária, ergueu-se e, pela primeira vez naquela tarde, disse a verdade.

— Lamento dizer-lhe que foi mal informada, Lady Philippa. E agora peço-lhe que saia. Irei fazer-lhe o favor de não mencionar esta sua visita ao seu cunhado. Na verdade, esquecerei até que estive aqui.

Ela ficou muito quieta durante algum tempo e Cross deu-se conta de que a ausência de movimento não era uma característica típica do seu

temperamento. Não parara um segundo desde que ele despertara a escutar os seus dedos a folhearem o livro de contabilidade. O facto de naquele momento se encontrar quieta enervava-o. Preparou-se para o que estava para vir; para alguma defesa lógica, para alguma estranha formulação que acabaria por tentá-lo mais do que estava disposto a admitir.

— Suponho que não terá a menor dificuldade em esquecer-me.

Não havia nada no tom que usara que sugerisse estar à espera de um elogio ou de uma recusa. Nada do que teria esperado de outras mulheres, embora começasse a perceber que não havia nada em Lady Philippa Marbury que fosse semelhante às outras mulheres.

E estava disposto a garantir que seria impossível esquecê-la.

— Todavia, não posso permiti-lo — continuou ela, com evidente frustração na voz, embora Cross tivesse a impressão de que ela estava mais a falar com os seus botões do que com ele. — Tenho muitas perguntas, e ninguém que lhes possa responder. E restam-me apenas catorze dias para aprender.

— O que acontece dentro de catorze dias?

Que raio. Pouco lhe importava. Não devia ter perguntado.

Ela pareceu surpreendida com a pergunta e Cross teve a sensação de que ela se havia esquecido da presença dele. Inclinou uma vez mais a cabeça, com o sobrolho franzido como se a pergunta fosse ridícula. E até era.

— O meu casamento.

Ele sabia, claro. Durante duas temporadas, Lady Philippa fora cortejada por Lorde Castleton, um jovem dândi com pouca substância entre as orelhas. Todavia, Cross esquecera-se que existia um futuro marido no momento em que ela se apresentara, atrevida, brilhante e nada bizarra.

Não havia nada naquela mulher que indicasse que poderia vir a tornar-se uma condessa Castleton minimamente decente.

Não é problema teu.

Pigarreou.

— Desejo-lhe muitas felicidades.

— Nem sequer sabe com quem me vou casar.

— Por acaso, até sei.

Ela arregalou os olhos.

— Sabe? Mas como?

— Para além de o seu cunhado ser meu sócio e de o duplo casamento das irmãs Marbury mais novas ser tema de conversa por toda a cidade, devo informá-la de que existem poucas coisas que ocorram a nível social de que eu não esteja a par. — Fez uma pausa. — Lorde Castleton é um homem de sorte.

— É muito amável.

Cross abanou a cabeça.

— Não se trata amabilidade. É a verdade.

Um dos cantos da boca dela estremeceu.

— E eu?

Ele cruzou os braços. Ela iria aborrecer-se de Castleton nas primeiras vinte e quatro horas do casamento. E depois seria infeliz.

Não é problema teu.

— Castleton é um cavalheiro.

— Quanto diplomático da sua parte — disse ela, fazendo girar o globo terrestre e deixando que os seus dedos roçassem pela superfície da esfera enquanto esta rodopiava. — Lorde Castleton é, sem dúvida alguma, um cavalheiro. E também é conde. E gosta de cães.

— E são essas qualidades que as mulheres procuram atualmente num marido?

Mas ela não se preparava para sair? Então, o que fazia ali, ainda a falar com ele?

— Sempre são melhores que outras qualidades menores que às vezes possuem — mencionou, e Cross julgou ter notado uma certa atitude defensiva no seu tom de voz.

— Como por exemplo?

— A infidelidade, a tendência para a bebida e o facto de apreciarem as lutas entre touros e cães.

— Lutas entre touros e cães?

Ela fez um pequeno e lacónico aceno de cabeça.

— Um desporto bastante cruel. Para o touro e para os cães.

— Eu não o consideraria sequer um desporto. Mas... conhece muitos homens que o apreciem?

Ela empurrou os óculos pela cana do nariz.

— Leio bastante. Veio um debate muito sério sobre a prática deste desporto no *News of London* da semana passada. Existem mais homens adeptos desta barbaridade do que pensa. Felizmente, Lorde Castleton não é um deles.

— Um verdadeiro príncipe entre os homens — disse Cross, ignorando a forma como ela semicerrava os olhos ao notar o seu tom sarcástico. — Imagine então a minha surpresa ao ter encontrado a sua futura condessa junto à minha cama esta manhã, a pedir-me que lhe arruinasse a reputação.

— Não fazia ideia que dormia aqui — justificou-se ela. — Nem esperava encontrá-lo a dormir à uma da tarde.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Trabalho até altas horas da noite.

Ela anuiu com a cabeça.

— Imagino que sim. Creio que devia comprar uma cama. — Apontou para a enxerga improvisada. — Aquilo não deve ser nada confortável.

Ela estava a desviar-se cada vez mais do assunto que a levava ali e ele queria-a fora do seu gabinete. De imediato.

— Não tenho nenhum interesse, nem a senhora devia ter, em levá-la à desgraça pública.

Ela fitou-o, chocada.

— Não estou a pedir-lhe que me desgrace publicamente.

Cross gostava de pensar que era um homem dotado de inteligência e de raciocínio lógico. Fascinava-o a ciência e considerava-se um génio na matemática. Não sabia jogar *vingt-et-un* sem contar as cartas e discutia política e leis com precisão e sabedoria.

Então, como era possível sentir-se um imbecil na presença daquela mulher?

— Não me pediu duas vezes, nos últimos vinte minutos, que arruinasse a sua reputação?

— Na verdade, foram três vezes. — Inclinou a cabeça para o lado. — Bem, foi o último a mencioná-lo, mas eu acho que devia contar como pedido.

Como um *completo* imbecil.

— Três vezes, então.

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim. Mas não me referia a desgraça *pública*. Isso é completamente diferente.

Cross abanou a cabeça.

— Só posso confirmar o meu diagnóstico inicial, Lady Philippa.

Ela pestanejou.

— Que estou louca?

— Exatamente.

Ela ficou em silêncio durante um longo momento, e ele conseguia vê-la à procura das palavras certas para o convencer a aceder ao seu pedido. Olhou para a secretária de Cross, para dois pesados pêndulos de prata suspensos ao lado um do outro. Esticou o braço e pô-los em movimento. Ficaram ambos a ver o movimento sincronizado das esferas durante uns quantos minutos.

— Tem estes pêndulos porquê? — indagou ela.

— Gosto do movimento. — Era previsível. Aquilo que oscilava numa direção acabaria por fazê-lo também na direção oposta. Sem perguntas. Sem surpresas.

— Também o Newton — disse ela, em voz baixa, falando mais para si própria do que para ele. — Dentro de catorze dias irei casar com um homem com o qual tenho muito pouco em comum. Terei de o fazer porque é o que se espera de uma dama da sociedade. Fá-lo-ei porque é o que toda a cidade de Londres espera que eu faça e porque acredito que nunca terei a oportunidade de casar com alguém com quem tenha mais em comum. E, mais importante do que tudo, porque já aceitei e sou uma mulher de princípios.

Cross observou-a, desejando poder ver-lhe os olhos sem o escudo das grossas lentes dos óculos. Ela engoliu a saliva e ele notou o ondular delicado da garganta.

— O que a leva a pensar que nunca encontrará ninguém com quem tenha mais em comum?

Ela fitou-o e respondeu simplesmente:

— Sou estranha.

Cross arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada. Não sabia muito bem o que se poderia responder a semelhante afirmação.

Ela sorriu ao ver a hesitação dele.

— Não se sinta obrigado a dizer qualquer coisa simpática. Não sou parva. Fui estranha durante toda a vida. Devia dar graças a Deus por haver alguém disposto a casar comigo, e esse alguém ser um conde. E por ele me ter *cortejado*.

» E, honestamente, estou bastante satisfeita com a maneira como o meu futuro parece perfilar-se. Irei viver em Sussex e jamais terei de frequentar Bond Street e os salões de baile. Lorde Castleton ofereceu-me espaço para a minha estufa e para as minhas experiências, e até me pediu ajuda para administrar a propriedade e os seus bens. Creio que está contente por ter quem o auxilie.

Considerando que Castleton era um homem muito simpático e muito pouco inteligente, Cross imaginou que o conde devia estar exultante por a sua brilhante noiva estar disposta a ocupar-se dos bens da família e a poupá-lo de complicações.

— Isso parece fantástico. E também lhe vai dar uma matilha de cães?

Se ela notou o tom sarcástico das suas palavras, não o demonstrou, e ele lamentou tê-lo usado.

— Espero bem que sim. Estou desejosa que isso aconteça. Gosto muito de cães. — Calou-se, olhando para o teto por instantes antes de confessar: — Mas preocupa-me tudo o resto.

Ele sabia que não devia perguntar. Os votos matrimoniais não eram coisa que alguma vez lhe tivesse ocupado o pensamento. E não ia começar naquele instante.

— Tudo o resto?

Ela anuiu com a cabeça.

— Para ser sincera, não me sinto nada preparada. Não faço a menor ideia das atividades que ocorrem *depois* do casamento... à noite... no *leito* matrimonial — acrescentou, não fosse ele não entender.

Como se ele não tivesse já uma visão muito clara daquela mulher no leito matrimonial.

— Honestamente, considero os votos matrimoniais bastante capciosos. Cross elevou as sobrancelhas.

— Os votos?

Ela anuiu.

— Bem, para ser mais específica, aquela parte antes dos votos.

— Pressinto que essa especificidade é de grande importância para si.

Ela sorriu, e a temperatura no interior do gabinete pareceu aumentar.

— Está a ver? Eu sabia que daria um excelente parceiro de investigação.

— Cross não respondeu e ela preencheu o silêncio recitando: — *O casamento não deve ser empreendido de maneira imprudente, irrefletida ou descuidada.*

Ele pestanejou.

— Diz-se durante a cerimónia — explicou ela.

Era, sem sombra de dúvida, a primeira vez que alguém citava o Livro de Oração Comum no seu gabinete. Quiçá em todo o edifício.

— Parece-me razoável.

Ela concordou.

— Mas continua. Também não deve ser empreendido *para satisfazer os apetites e luxúrias carnis dos homens, como se fossem animais selvagens desprovidos de discernimento.*

Ele não conseguiu conter-se.

— Isso faz parte da cerimónia?

— Curioso, não acha? Quero dizer, se eu fizesse referência à luxúria carnal numa conversa, por exemplo, à hora do chá, seria expulsa da sociedade, mas em frente a Deus, em Londres e na Catedral de St. George, já não faz mal. — Abanou a cabeça. — Não importa. Entende agora o que me preocupa.

— Está a pensar demasiado, Lady Philippa. Lorde Castleton pode não ser a pessoa mais inteligente, mas não duvido que saberá o que fazer no leito conjugal.

Ela franziu o sobrolho.

— Mas eu duvido.

— Não devia.

— Creio que não está a entender — disse ela. — É imperativo que eu saiba o que esperar. Tenho de estar preparada. Não vê? Tudo isto está ligado à mais importante tarefa que terei de realizar enquanto esposa.

— E qual é?

— A procriação.

A palavra, científica e fria, não lhe devia ter chamado a atenção. Não devia ter invocado imagens de pernas compridas, pele suave e olhos enormes com óculos. Contudo, foi isso mesmo que aconteceu.

Ele mudou nervosamente de posição enquanto ela prosseguia.

— Até gosto de crianças, por isso tenho a certeza que essa parte vai correr bem. Mas tem de compreender que preciso de respostas às minhas dúvidas. E, uma vez que tem a fama de ser perito no tema, não me ocorre ninguém melhor para me auxiliar na minha pesquisa.

— No tema das crianças?

Ela suspirou de frustração.

— No tema da procriação.

Ele adoraria ensinar-lhe tudo sobre procriação.

— Senhor Cross?

Ele tossicou.

— Não me conhece.

Ela pestanejou. Pelos vistos, esse pensamento nem sequer lhe ocorrera.

— Bem, já ouvi falar muito de si. Para mim é o suficiente. Será um excelente companheiro de pesquisa.

— Para investigar o quê?

— Li bastante sobre o assunto, mas gostaria de o compreender. O meu objetivo é entrar no matrimónio livre de preocupações. Para lhe ser sincera, a parte do *animais selvagens desprovidos de discernimento* é um pouco perturbante.

— Imagino que sim — declarou ele com alguma frieza na voz.

E, mesmo assim, ela continuou a falar, como se ele não estivesse ali.

— Também fiquei a saber que para as mulheres... inexperientes... às vezes o ato em questão não é muito... agradável. Nesse caso em particular, a pesquisa seria de mais-valia. Na verdade, se eu beneficiar da sua vasta experiência, tanto eu como o Castleton iremos desfrutar bem mais. Teremos de praticar várias vezes, imagino, por isso o que puder fazer para lançar alguma luz sobre a atividade...

Por alguma razão, estava a tornar-se cada vez mais difícil escutá-la. E ouvir até os seus próprios pensamentos. De certeza que ela não acabara de dizer...

— São pêndulos adjacentes.

O quê?

Cross seguiu o olhar dela até às esferas de metal, que haviam sido postas em movimento na mesma direção e que naquele momento oscilavam em oposição uma à outra. Pouco importava se eram colocadas na mesma trajetória, uma das bolas acabava sempre por inverter o seu sentido. Sempre.

— São, sim.

— Um afeta o movimento do outro — comentou ela, casualmente.

— É isso que diz a teoria.

Ela anuiu com a cabeça, observando como cada esfera prateada avançava contra a outra e se afastava. Uma vez. Duas vezes. Fitou-o, muito séria.

— Se tenho de fazer um voto, gostaria de compreender tudo o que implica. A luxúria carnal é algo que eu devia entender. E, sabe dizer-me por que razão o casamento pode apelar aos homens enquanto animais selvagens?

Uma imagem tremeluziu na sua mente: dedos a tocar em pele, olhos azuis a fitá-lo com uma expressão de prazer absoluto.

Sim. Sem dúvida que sabia.

— Não.

Ela fez um aceno de cabeça, acreditando na sua palavra.

— Terá certamente qualquer coisa que ver com o coito.

Santo Deus.

Ela explicou.

— Há um touro em Coldharbor, onde fica a propriedade do meu pai. Não sou tão ignorante quanto pensa.

— Se acha que um touro no pasto se assemelha em alguma coisa a um homem, é tão inexperiente quanto eu pensava.

— Está a ver? É precisamente por isso que necessito da sua ajuda.

Merda. Tinha caído direitinho na armadilha dela. Obrigou-se a ficar sentado. A resistir à atração que ela exercia sobre ele.

— Dizem que é muito bom nisso — prosseguiu ela, ignorando a devastação que estava a provocar dentro dele. Ou talvez se desse conta. Ele já não sabia e já nem confiava em si próprio. — É verdade?

— Não — respondeu de imediato. Talvez assim ela se fosse finalmente embora.

— Já li o suficiente sobre os homens para saber que nunca admitiriam falta de habilidade nessa área, senhor Cross. De certeza que não espera que eu acredite nisso. — Soltou uma gargalhada, a sua sonoridade alegre e fresca, completamente deslocada naquela sala escura. — Como conhecido

homem de ciência... esperava que estivesse disposto a auxiliar-me na minha pesquisa.

— A sua pesquisa sobre os hábitos de acasalamento dos touros?

Ela sorriu, divertida.

— A minha pesquisa sobre os desejos e apetites carnis.

Só havia uma solução: aterrorizá-la para que fugisse. Insultá-la até, se fosse preciso.

— Está a pedir-me para a foder?

Os olhos dela esbugalharam-se.

— Sabe, nunca tinha ouvido essa palavra em voz alta.

E assim, com aquela frase simples e sincera, Cross ficou a sentir-se um canalha. Abriu a boca para se desculpar.

Ela foi mais rápida, falando como se ele fosse uma criança. Como se estivessem a discutir uma coisa perfeitamente vulgar.

— Estou a ver que não me expliquei com clareza. Não quero que realizemos o ato, por assim dizer. Desejo apenas que me ajude a compreendê-lo melhor.

— A compreendê-lo.

— Isso mesmo. Pelos votos e pelas crianças e pelo resto. — Fez uma pausa e, em seguida, acrescentou: — Uma espécie de preleção. Sobre criação de animais de toureio. Ou de outro tipo.

— Procure outra pessoa... de outro tipo.

Ela semicerrrou os olhos ao escutar o seu tom de gozo.

— Não há mais ninguém.

— E procurou?

— Quem poderia explicar-me o processo? A minha mãe nem pensar.

— E as suas irmãs? Pediu-lhes?

— Em primeiro lugar, não sei se a Victoria ou a Valerie têm muito interesse ou experiência no ato em si. E a Penelope... Comporta-se de forma absurda quando lhe peço que me fale de qualquer coisa relacionada com Bourne. Desata a divagar sobre o amor e afins. — Revirou os olhos. — Não há espaço para o amor na investigação.

Cross arqueou as sobrancelhas.

— Ai não?

Ela fitou-o horrorizada.

— Claro que não. O senhor, por outro lado, é um homem da ciência com reconhecida experiência. Tenho a certeza que poderá explicar-me muitas coisas. Por exemplo, sinto uma grande curiosidade sobre o membro masculino.

Ele engasgou-se e depois tossiu. Assim que recuperou a capacidade de falar, disse:

— Acredito.

— Já vi algumas ilustrações, claro, em textos de anatomia, mas talvez me pudesse ajudar a entender alguns pormenores? Por exemplo...

— Não. — Interrompeu-a antes que começasse a elaborar uma das suas perguntas diretas e científicas.

— Estou disposta a pagar-lhe — anunciou. — Pelos seus serviços.

Escutou-se um som agudo e sufocado. Fora emitido por ele.

— Pagar-me.

Ela assentiu.

— O que diria a vinte e cinco libras?

— Não.

Ela franziu o sobrolho.

— Claro, uma pessoa com a sua experiência vale mais. Peço desculpa se o ofendi. Cinquenta? Lamento, mas não posso oferecer mais. Já é bastante dinheiro para mim.

Ela acreditava que era a *quantia* que tornava a oferta ofensiva? Não entendia que ele estava disposto a fazê-lo de graça. A pagar-lhe *a ela* pela oportunidade de lhe mostrar tudo o que pedira.

Nunca em toda a sua vida houvera nada que Cross desejasse mais do que deitar aquela estranha mulher sobre a sua secretária e demonstrar-lhe tudo aquilo de que falava.

O desejo era irrelevante. Ou talvez fosse a única coisa que importava. Fosse lá como fosse, não podia ajudar Lady Philippa Marbury.

Ela era a mulher mais perigosa que alguma vez conhecera.

Cross abanou a cabeça e proferiu as únicas palavras que conseguiu. Curtas e exatas.

— Lamento, mas não poderei auxiliá-la, Lady Philippa. Sugiro que consulte outra pessoa. Quiçá o seu noivo. — Odiou a sugestão no instante em que a fez, porém conteve o desejo de a retirar.

Ela manteve-se em silêncio durante algum tempo, pestanejando por trás das grossas lentes, recordando-o de que era intocável.

Cross esperou que ela voltasse ao ataque com os seus olhares diretos e palavras francas.

Claro que não havia nada de previsível naquela mulher.

— Gostava que me chamasse Pippa — disse ela e, com essas palavras, virou-se e saiu.

Capítulo 2



Quando Pippa tinha seis ou sete anos, as cinco irmãs Marbury haviam sido dispostas como patinhos loiros diante dos aristocratas convidados dos seus pais (algo que costumava acontecer aos filhos dos anfitriões) para executarem um interlúdio musical numa festa campestre cujos pormenores já não recordava.

Ao abandonarem a sala, um senhor mais velho com um olhar sorridente perguntara-lhe que instrumento gostava mais de tocar. Ora, se o cavalheiro tivesse colocado essa questão a Penelope, ela ter-lhe-ia respondido com toda certeza que o seu favorito era o pianoforte. Se tivesse perguntado a Victoria ou a Valerie, as gêmeas teriam revelado em uníssono que adoravam tocar violoncelo. E Olivia tê-lo-ia encantado com o seu sorriso de criança de cinco anos, tímido já nessa altura, antes de lhe comunicar que gostava da trompa.

Todavia, ele cometera o erro de perguntar a Pippa, que anunciara orgulhosamente ter pouco tempo para se dedicar à música, pois estava demasiado ocupada a aprender anatomia. Confundindo o silêncio chocado do cavalheiro com interesse, prosseguira levantando a saia do bibe e enumerando os ossos do pé e da perna.

Acabara de citar o perónio quando apareceu a mãe a gritar o seu nome, tendo as risadas da sociedade como música de fundo.

Foi a primeira vez que Pippa se deu conta de que era estranha.

E também foi a primeira vez que sentiu vergonha. Era uma emoção esquisita — completamente diferente de todas as outras, que pareciam desaparecer com o tempo. Por exemplo, depois de ter comido, era difícil recordar com precisão as características da fome. Sim, sabia que sentira apetite, mas o intenso desejo de conseguir alimento não era recordado com facilidade.

Da mesma forma, Pippa sabia bem o que era a irritação — afinal, tinha quatro irmãs —, contudo não sabia precisar com exatidão como era estar completa e totalmente furiosa com alguma delas. Deus bem sabia que dias

houvera em que teria empurrado Olivia de uma carruagem em movimento, sem o menor sentimento de culpa, porém naquele momento já não era capaz de ressuscitar essa emoção.

No entanto, recordava a vergonha que acompanhara as gargalhadas naquela festa no campo como se tivesse ocorrido no dia anterior. Como se tivesse acontecido momentos antes.

Ainda assim, aquilo que tinha tido lugar apenas uns minutos antes parecia bem pior do que ter sete anos e mostrar os tornozelos a metade da aristocracia do país. Ser rotulada como a mais estranha das raparigas Marbury numa tão tenra idade permitira-lhe desenvolver uma camada protetora. Era preciso bem mais do que risinhos escondidos atrás de leques para suscitar embaraço a Pippa.

Pelos vistos, bastava um homem recusar-se a arruinar-lhe a reputação. Um homem alto, bastante inteligente e fascinante.

Havia feito tudo o que estava ao seu alcance — expusera pormenorizadamente o seu plano, apelara ao seu interesse pela ciência — e mesmo assim ele recusara.

Não lhe tinha passado pela cabeça essa possibilidade.

Mas devia tê-lo feito, claro. Devia ter considerado essa hipótese no momento em que entrou naquele maravilhoso escritório — repleto de todo o tipo de curiosidades —, devia ter percebido que a sua oferta não iria interessar-lhe. O Sr. Cross era um homem que possuía muitos conhecimentos e experiência, e ela não passava da quarta filha de um marquês, capaz de enumerar todos os ossos do corpo humano e, portanto, um pouco estranha.

Não lhe importava que ela necessitasse de um parceiro de investigação e que lhe restassem apenas catorze dias — trezentas e trinta e seis minguan-tes horas — para resolver todas as dúvidas relativas ao seu futuro casamento.

Era evidente que ele havia realizado as suas próprias experiências e não precisava de uma companheira para aprofundar a pesquisa.

Nem sequer de uma companheira que estivesse disposta a pagar-lhe.

Olhando em redor da enorme e vazia sala principal do casino, conjeturou que também não deveria ter ficado surpreendida. Afinal, um homem que possuía um casino que gerava os lucros descritos no livro de contabilidade que vira no escritório, não era o tipo de pessoa que se deixasse tentar por vinte e cinco libras. Nem por cinquenta.

Devia ter pensado nisso.

Era uma pena, ainda assim. Ele parecera-lhe tão promissor. A opção mais prometedora quando concebera o plano, algumas noites antes, após ter lido o texto da cerimónia da qual faria dali a duas semanas.

Luxúria carnal.

Procriação.

Não estaria errado uma mulher tomar parte de tais coisas sem a menor experiência? Sem ter tido sequer uma explicação racional do tema em questão? E isso era antes do sacerdote chegar à parte sobre a obediência e a servidão.

Era tudo bastante perturbador.

E ainda mais inquietante era perceber como ficara desapontada quando Cross recusara a sua proposta.

Gostaria de ter passado mais tempo com o ábaco.

E não apenas com o ábaco.

Pippa não gostava de mentir, nem a si própria nem aos outros. Estava muito bem se aqueles que a rodeavam preferiam esconder a verdade, porém ela há muito tempo que descobrira que a desonestidade acabava por dar mais trabalho a longo prazo.

Por isso, não, não era apenas o ábaco que a intrigava.

O homem também. Quando chegara ao clube, esperara encontrar o lendário Cross: atraente, inteligente, encantador e capaz de tirar a roupa a qualquer mulher em segundos... sem usar as mãos.

No entanto, não havia encontrado esse homem. Não havia dúvida da sua inteligência, mas não se mostrara muito encantador durante toda a conversa, e quanto à beleza... Bem, era muito alto, com pernas e braços compridos, e com uma grenha ruiva e penteada com os dedos que nunca imaginou que possuísse. Mas não era atraente. Pelo menos, não no sentido clássico.

Podia dizer-se que era interessante. O que para ela era muito melhor. Ou pior, conforme o caso.

Era manifestamente um erudito em matérias como a física e a geografia, e também bom com os números — estava capaz de apostar que a ausência de papel de rascunho sobre a secretária indicava a sua capacidade de somar mentalmente os números do livro de contabilidade. Uma coisa impressionante, levando em conta os valores ali anotados.

E dormia no chão.

Seminu.

Essa parte era intrigante.

Pippa gostava de coisas intrigantes.

Pelos vistos ele não. E isso era crucial.

Dera-se a grandes trabalhos para elaborar um plano e não permitiria que a contrariedade de um homem — por mais fascinante que fosse — se atravessasse no seu caminho. Afinal, encontrava-se numa casa de jogo

e sempre ouvira dizer que aqueles lugares estavam constantemente repletos de homens. Por certo, encontraria outro que estivesse disposto a auxiliá-la. Era uma cientista, e os cientistas moldavam-se às circunstâncias.

Pippa teria então de adaptar-se e fazer o que fosse preciso para conseguir adquirir a compreensão de que necessitava e assegurar desse modo que estava completamente preparada para a noite do seu casamento.

O seu *casamento*.

Não gostava de o dizer — não gostava sequer de pensar nisso —, mas o Conde de Castleton não era o mais excitante dos futuros maridos. Oh, era agradável ao olhar e ostentava um título, coisa que a sua mãe apreciava. E possuía uma bela propriedade.

Contudo, não era lá muito inteligente. E isso era uma forma generosa de o dizer. Certa vez perguntara-lhe de que parte do porco provinham as salsichas. Ela não queria nem cogitar qual acreditaria ele ser a resposta correta.

Não era que não *quisesse* casar com ele. Castleton era sem dúvida a sua melhor opção. Tapado ou menos brilhante, ou lá o que fosse, ele estava consciente da sua falta de destreza intelectual e parecia desejoso — impaciente, até — que Pippa o ajudasse a administrar os seus bens e a gerir a casa. Ela também estava ansiosa por fazê-lo, tendo lido vários textos sobre rotação de culturas, irrigação moderna e criação de animais.

Nesse sentido, seria uma esposa excelente.

Era acerca de tudo o resto que tinha dúvidas. E possuía apenas catorze dias para descobrir as respostas.

Seria pedir muito?

Pelos vistos era. Olhou para a porta fechada do escritório de Cross e sentiu uma pontada de qualquer coisa não muito agradável no peito. Seria tristeza? Descontentamento? Pouco importava. O que era importante era reformular o seu plano.

Suspirou e o som pareceu ecoar, chamando-lhe a atenção para a grandeza e vazio da sala.

Estivera tão concentrada em encontrar o caminho certo para o escritório ocupado pelo Sr. Cross que nem conseguira explorar o casino propriamente dito. Tal como a maioria das mulheres em Londres, havia escutado inúmeros mexericos sobre O Anjo Caído — que era um lugar impressionante e escandaloso onde as senhoras nunca deviam entrar. Também havia chegado aos seus ouvidos que era nos salões d'O Anjo, e não no Parlamento, que se forjava o futuro da Grã-Bretanha e que os seus proprietários detinham imenso poder.

Enquanto contemplava a tranquila e enorme sala, Pippa reconheceu que se tratava de um espaço impressionante... porém, o resto da má-língua

parecia-lhe um pouco exagerada. Não havia muito mais para dizer acerca daquele lugar para além de que era...

Bastante escuro.

Uma fileira de pequenas janelas perto do teto num dos lados da sala era a única fonte de luz, e por ali entravam uns errantes raios de sol. Pippa seguiu um deles com o olhar, no qual flutuavam lentas e rodopiantes partículas de pó, até onde iluminava, a alguns metros de distância, uma pesada mesa de carvalho com um grosso feltro verde onde se viam letras, números e linhas estampados a branco e amarelo.

Aproximou-se de uma estranha quadrícula de números e palavras impressas até onde a sua vista alcançava e não pôde resistir ao impulso de passar os dedos pelas marcas — verdadeiros hieróglifos para ela — até tocar numa fila de dados brancos encostados contra uma das laterais da mesa.

Levantando dois dados, examinou os pontos negros perfeitos que havia nas suas faces e avaliou o peso dos pequenos cubos de marfim ao mesmo tempo que se perguntava que poder encerrariam. Pareciam inócuos, sem valor, contudo existiam homens que viviam e morriam por lançá-los. Há muito tempo, o seu cunhado havia perdido tudo numa aposta. Era verdade que conseguira recuperar tudo, mas Pippa não conseguia deixar de pensar na tentação que levava uma pessoa a cometer tamanhas loucuras.

Sem dúvida que havia poder naqueles pequenos dados brancos.

Agitou-os na palma da mão, imaginando que estava a apostar — imaginando o que a faria sentir-se tentada a jogar. A sua pesquisa. Compreender os segredos do matrimónio, da vida de casada. Da maternidade. Possuir expetativas claras para esse futuro tão carregado de nuvens.

Queria respostas, uma vez que não tinha nenhuma.

Necessitava de informação que lhe aliviasse o aperto que sentia no peito de cada vez que pensava no casamento.

Se pudesse apostar para obter esse conhecimento... jogaria.

Rolou os dados na mão, perguntando-se qual seria a aposta que traria a revelação antes de selar o seu destino, todavia, uns golpes fortes na porta do clube chamaram-lhe a atenção devido ao incessante e ruidoso barulho. Pousou os dados na beira da mesa e dirigiu-se para a fonte do ruído antes de se dar conta que não era responsável pela porta e que, por essa razão, não devia abri-la.

Truz.

Truz, truz.

Olhou em redor da enorme sala. De certeza que *alguém* escutara aquela barulheira. Uma criada, uma rapariga da cozinha, o cavalheiro com óculos que a deixara entrar?

Truz, truz, truz.

Ninguém parecia ouvir.

Talvez devesse ir chamar o Sr. Cross?

Aquele pensamento fê-la deter-se. Ou melhor, a forma como o pensamento trouxe consigo uma imagem dele com o cabelo ruivo desalinhado antes de o pentear com os dedos. Estacou ao notar um estranho aumento da frequência cardíaca. Torceu o nariz. Não lhe interessava aquele aumento. Não era nada cómodo.

Truztruztruztruztruz.

A pessoa que batia à porta parecia estar a perder a paciência. E redobrava os seus esforços.

Por certo, o assunto que a levava ali era urgente.

Pippa dirigiu-se para a sólida porta de mogno pela qual se acedia ao salão de jogo, oculta atrás de umas pesadas cortinas de veludo penduradas a seis metros de altura e protegendo uma entrada pequena, escura e perturbadora — um verdadeiro rio Estige que separava o clube do mundo exterior.

Avançou pela escuridão até à porta exterior de aço, que era ainda maior do que a sua companheira no interior, e que permanecia fechada durante o dia. Na penumbra, passou a mão pela linha de junção entre a porta e a ombreira, antipatizando com a forma como as sombras sugeriam que alguém podia estender o braço e tocar-lhe sem que ela se desse conta da sua presença. Destrancou a porta antes de girar a maçaneta para a abrir, fechando os olhos instintivamente para se proteger da pardacenta luz daquela tarde de março que mais parecia um brilhante dia de verão depois de ter permanecido todo aquele tempo no escuro interior d'O Anjo.

— Ora, quem havia de dizer! Não estava nada à espera de uma receção tão agradável à vista.

Pippa abriu os olhos ao escutar aquelas lascivas palavras, levantando a mão para que se adaptassem à luz.

Não podia dizer muita coisa sobre o homem estacado à sua frente. Exibia um chapéu preto clássico, adornado com uma fita de seda escarlate e inclinado para o lado. Numa das mãos segurava uma bengala com o cabo de prata, tinha ombros largos e a roupa era elegante. No entanto, uma coisa sabia: não era nenhum cavalheiro.

Na verdade, nenhum homem e nenhum cavalheiro se havia alguma vez atrevido a sorrir-lhe como aquele fazia: como se fosse uma raposa e ela uma galinha. Como se ela fosse todo um galinheiro. Quase insinuando que, se não tivesse cuidado, ele seria capaz de a comer e de se pavonear por St. James's

com uma pena entalada por entre os seus enormes dentes bem visíveis pelo sorriso de orelha a orelha.

Era sem dúvida alguma um réprobo.

Qualquer mulher minimamente inteligente fugiria dele, e Pippa era tudo menos idiota. Recuou uns quantos passos, regressando à escuridão d'O Anjo.

Ele seguiu-a.

— És um porteiro melhor do que o bando que para aqui têm. Nunca me deixam entrar.

Pippa disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Eu não sou um dos porteiros.

Os olhos azuis e gelados do homem brilharam ao escutar aquelas palavras.

— Claro que não, querida. O velho Digger já percebeu isso.

A porta exterior fechou-se com estrépito e Pippa assustou-se, recuando uma vez mais para o interior do casino. Quando as suas costas chocaram com a porta interior, ela desviou-se e atravessou-a, afastando as cortinas.

Ele seguiu-a.

— Então talvez sejas o próprio Anjo Caído?

Pippa abanou a cabeça.

Aquela parecia ser a resposta que ele esperava ouvir, pois os seus dentes brilharam na penumbra da sala. O homem baixou a voz até não ser mais do que um sussurro.

— E gostavas de ser?

A pergunta pairou no espaço cada vez mais reduzido entre eles, distraíndo-a. Podia não conhecer aquele homem, mas sabia, instintivamente, que por trás do seu sorriso havia um patife e quiçá até um canalha, e que teria experimentado todo o tipo de vícios — conhecimento que ela procurava quando chegou àquele lugar, não fazia ainda nem uma hora, disposta a pedi-lo a outro homem. Um homem que não mostrara o menor interesse em transmiti-lo.

Assim, quando aquele homem, perverso e despreocupado, lhe colocou aquela pergunta, Pippa fez o que sempre fazia: respondeu com sinceridade.

— Na verdade, tenho algumas perguntas.

Notou que as suas palavras o surpreenderam. Aqueles estranhos olhos azuis abriram-se muito durante alguns segundos antes de quase se fecharem quando o homem esboçou um rasgado sorriso. Largou a rir, divertido e ousado.

— Excelente! — exclamou, antes de esticar o braço e o passar em redor da cintura dela, puxando-a para si como se fosse uma boneca de trapos

e ele uma criança desejosa de brincar. — E a mim não me faltam respostas, minha querida.

Pippa não gostou nada da sensação de ser agarrada por aquele tipo tão atrevido, e levou a mão ao peito dele para o afastar. O seu coração acelerou quando se deu conta de que era bem possível que tivesse dito o que não devia à pessoa menos indicada. Ele pensara que ela queria...

— Meu senhor! — Tentou detê-lo. — Não era minha intenção...

— Embora não me considerem um senhor, querida, asseguro-te que não me importava nada de ser *teu*. — O homem riu, encostando o rosto ao pescoço dela. Pippa lutou contra aquela carícia, tentando não respirar. O homem cheirava a transpiração e a qualquer coisa adocicada. Uma combinação bastante desagradável.

Girou a cabeça, voltando a empurrá-lo, desejando ter analisado um pouco melhor a situação antes de desatar a conversar de forma tão aberta com aquele homem. Ele deixou escapar outra gargalhada e puxou-a mais para junto de si, mostrando-se mais atrevido do que ela supusera, estreitando-a mais e pressionando os lábios contra o seu ombro.

— Pronto, minha querida, o tio Digger vai tomar bem conta de ti.

— Tenho a certeza que o que me está a propor não tem nada que ver com aquilo que um tio faria — salientou Pippa, tentando soar o mais inflexível possível ao mesmo tempo que lutava por se soltar daquele abraço. Olhou em redor. Tinha de haver alguém naquele enorme edifício disposto a ajudá-la. Mas onde estava esse alguém?

Digger riu uma vez mais.

— És uma coisinha excitante, não és?

Pippa inclinou a cabeça para trás o máximo que conseguiu, não desejando voltar a estabelecer contacto.

— Não, nada disso. Muito pelo contrário.

— Que tolice. Estás aqui, não estás? Se isso não é excitante, então não sei o que é.

Não deixava de ter uma certa razão. Mas se Pippa se atrevesse a concordar, isso iria lançá-los por um caminho nada agradável. Ao invés, endireitou as costas e recorreu a toda a sua educação aristocrática.

— Senhor! — exclamou num tom firme, retorcendo-se nos braços dele como uma enguia, tentando obrigá-lo a soltá-la. — Devo insistir para que me solte!

— Ora, minha querida... vamos dar uma volta. O que quer que te paguem aqui... eu dou-te o dobro se vieres para o meu clube.

O dobro do quê?

Não era o momento de pensar na resposta.

— Por mais tentadora que seja essa oferta...

— Eu ensino-te uma coisa ou duas sobre tentação.

Oh, Deus. Aquilo não estava a correr nada bem. Ia ser obrigada a gritar por ajuda. E gritar era tão emocional e nada científico.

Contudo, as situações desesperadas exigiam... enfim. Respirou fundo, preparando-se para gritar a plenos pulmões, quando umas palavras atravessaram a sala como uma bala.

— Tire as mãos de cima dela!

Tanto ela quanto Digger ficaram paralisados ao escutarem aquele som baixo e mesmo assim perfeitamente audível. E agressivo. Pippa virou a cabeça e olhou por cima do ombro para o Sr. Cross, alto e esmerado, o cabelo ruivo bem domado, como se nunca o tivesse visto de outra maneira. Também metera a camisa para dentro das calças e vestira um casaco, o que considerou um gesto de civilidade da parte dele. Contudo, naquele momento, isso era irrelevante, pois *civilizado* seria a última palavra que utilizaria para o descrever.

De facto, nunca na sua vida havia visto alguém tão furioso.

Parecia disposto a matar alguém.

Quiçá ela própria.

Aquele pensamento chamou-a de volta à realidade e pô-la uma vez mais a lutar, movendo-se escassos centímetros antes de ser dominada pela força superior de Digger, e de se ver arrastada para junto dele como se não passasse de um pedaço de carne.

— Não.

O olhar furioso de Cross foi pousar no ventre de Pippa, onde a mão grande e possessiva de Digger a segurava.

— Não era um pedido. Liberte-a.

— Foi ela que veio ter comigo, Cross — replicou Digger num tom gozão. — Conduziu-me diretamente à tentação. Por isso, creio que vou ficar com ela.

— Isso é uma falsidade. — Pippa tentou defender-se, agitando-se para se libertar e desejando que Cross a olhasse nos olhos. — O senhor bateu à porta!

— E tu abriste, querida.

Ela franziu o sobrolho e olhou para Cross. Este não a fitou de volta.

— Ela não parece interessada em ir consigo.

— E *não* estou mesmo — concordou Pippa.

— Solte a senhora.

— Sempre tão generoso, a chamar senhoras às meninas d'O Anjo.

Pippa endireitou ainda mais as costas.

— Peço imensa desculpa, mas eu *sou* uma senhora.

Digger riu.

— Com esses ares és bem capaz de enganar alguém um destes dias!

Irritou-se. Estava farta daquele homem. Esticou o pescoço para encarar os seus olhos azuis e disse:

— Estou a ver que cometi um grande erro em ter falado consigo, senhor... — Fez uma pausa, esperando que ele fosse educado o suficiente para lhe revelar o apelido. Ao ver que não o fazia, prosseguiu. — Senhor Digger. Garanto-lhe que sou uma senhora. E digo-lhe mais: em breve serei *condessa*.

Ele arqueou uma das suas negras sobrancelhas.

— A sério?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim. E não me parece que queira enfrentar um conde, pois não?

Digger sorriu, voltando a recordar-lhe uma raposa.

— Não seria a primeira vez, querida. De quem se trata?

— Não responda — interveio Cross bruscamente. — Solte-a, Digger.

Antes de obedecer, o homem deslizou a mão de forma lenta e inquietante pelo ventre de Pippa. Esta, assim que recuperou a liberdade, foi colocar-se ao lado de Cross, que lhe prestava ainda menos atenção, se é que isso era possível. Avançava ameaçadoramente na direção de Digger, as suas palavras casuais, contrastando com a ameaça palpável em cada movimento.

— Agora que resolvemos isto, talvez possa explicar-me que diabo faz no meu clube.

Digger continuava concentrado nela, mesmo enquanto respondia.

— Ora, ora, Cross. Quanta animosidade. Vim aqui apenas para te dar uma informação. Olha que até estava a ser um bom vizinho.

— Não somos vizinhos.

— Seja como for. Tenho informação que vais querer saber.

— Não me interessa nenhuma informação que possua.

— Não? Nem se for sobre a tua irmã?

Cross ficou tenso, as costas e o pescoço alongando-se e fazendo-o parecer mais alto do que já era.

Digger continuou a falar:

— Estou em crer que não só a queres... como até estarás disposto a pagar por ela.

O ar pareceu tornar-se mais denso. Pippa sempre escutara aquela expressão, e sempre a considerara completamente absurda. Sim, o ar tornava-se mais denso com a névoa ou com o fumo. Havia até chegado a pensar que o mesmo acontecia com o fedor dos perfumes que Olivia usava, porém sempre achara que era uma ideia ridícula acreditar que uma emoção podia afetar a densidade do ar. Não passava de um cliché tolo, de uma formulação que devia ser banida.

Todavia, naquele momento o ar tornou-se de facto mais denso, e ela sentiu dificuldade em respirar, tendo mesmo de se inclinar para a frente.

— Deus sabe que ela a ti não recorre, seu grande intrujão.

Pippa arquejou ao escutar o insulto. De certeza que o Sr. Cross não ia deixar passar aquilo em branco. Contudo, ele pareceu não se dar conta do ataque pessoal.

— Nem se atreva a pôr as mãos na minha irmã.

— Não tenho culpa se as senhoras se sentem atraídas por mim — gabou-se Digger. — Um cavalheiro não vira as costas quando pedem a sua atenção. — Os seus olhos desviaram-se uma vez mais para Pippa. — Não é assim, Lady *Quase Condessa*?

— Custa-me a acreditar que as senhoras se sintam atraídas por si ou, ainda que isso aconteça, que seja capaz de se comportar como um cavalheiro — retorquiu Pippa.

— Ora! Escutem só! — Digger deixou escapar uma gargalhada, o som ecoando pela sala do clube. — És uma bela raposinha.

Pippa semicerrou os olhos.

— Creio que a palavra que pretendia usar era *espevitada*.

— Não, usei a palavra certa. És uma raposinha, cheia de dentes afiados e... — Fitou-a dos pés à cabeça com aquele olhar lascivo — Pelo bem macio. Diz-me, Cross, já lhe passaste a mão pelo pelo?

Pippa não compreendia o significado daquelas palavras, mas quando Cross se lançou a Digger, agarrando e puxando o homem mais velho pelas lapelas do casaco com toda a força, não teve a menor dúvida de que se tratava de um insulto.

— Peça desculpa à senhora.

Digger soltou-se das mãos de Cross e endireitou a sobrecasaca castanho-avermelhada.

— Ah, então ainda não — disse expeditamente. — Mas não creio que a espera vá ser longa. Embora ela não seja o teu tipo. — Fez uma vénia, com um brilho gozão nos olhos. — As minhas desculpas, Lady *Quase*.

Ela cerrou os dentes ao escutar a alcunha.

— Saia. — Havia uma gélida ameaça no tom de Cross.

— Não queres ouvir o que te vim dizer?

A hesitação na resposta foi quase impercetível... meio segundo... menos, até. Mas Pippa apercebeu-se.

— Não.

Digger fez curvar um dos cantos da boca, desenhando um meio sorriso provocador.

— Mudarás de ideia. Dou-te dois dias. — Esperou um instante, e Pippa ficou com a sensação de que havia uma espada invisível entre aqueles dois homens, cada um forte à sua maneira. Perguntou-se quem empunharia a arma.

Digger voltou à carga.

— Nunca foste capaz de resistir a assuntos familiares.

Cross elevou o queixo numa atitude de desafio.

Digger levou a mão ao chapéu para se despedir de Pippa e aproveitou o movimento para lhe lançar um olhar mal-intencionado.

— Quanto a si, Lady... Não será a última vez que nos veremos.

— Será, se sabe o que é bom para si. — As palavras de Cross foram firmes e determinadas, não deixando espaço para dúvidas.

— Que disparate. A senhora tem perguntas. — Os olhos azuis de Digger fixaram-se nos dela. — E eu tenho respostas.

Cross deu um passo na direção dele, ao mesmo tempo que emitia um som ressoante e prolongado, chamando por fim a atenção de Digger. Este virou-se para ele com um sorriso malévolo.

— Mais outro motivo para ires falar comigo.

A fúria de Cross foi inequívoca, fazendo-a estremecer.

— Saia daqui.

Digger não pareceu impressionado, mas não se entreteve mais.

— Dois dias, Cross.

Depois de piscar insolentemente o olho a Pippa, o homem saiu.

Permaneceram em silêncio durante algum tempo, vendo as cortinas de veludo agitarem-se depois da saída de Digger, escutando a pesada porta fechar-se. Só nessa altura é que Pippa se permitiu soltar o ar que sustinha sem dar-se conta.

Ao escutar aquele som, Cross virou-se para ela, os seus olhos cinzentos a brilhar de fúria.

— Talvez possa explicar-me o que fazia ainda aqui?

«ESTE LIVRO NÃO DEVIA APENAS SER LIDO,
DEVIA SER SABOREADO. É DECADÊNCIA
E PRAZER, PALPITAÇÃO E TORMENTO,
HUMOR E DESEJO. É ARREBATADOR:
UMA LEITURA MARAVILHOSA.»

USA TODAY

Lady Philippa Marbury, ou Pippa, é... estranha. É jovem, bela e filha de um marquês respeitado da sociedade, mas interessa-se por livros em vez de rapazes, por ciência em vez de passeios, e por laboratórios em vez de amor. O seu plano é casar-se em breve com o seu noivo, um homem simples, e viver o resto dos dias em sossego com os seus cães e as suas experiências científicas. Mas antes do casamento, Pippa tem duas semanas para experimentar tudo o resto. Quinze dias para fazer pesquisa sobre as partes excitantes da vida. Não é muito tempo e, para o fazer, precisa de um guia que esteja familiarizado com os recantos mais obscuros de Londres.

Ela precisa de Cross: o sócio da casa de jogo mais exclusiva da cidade, e que tem fama de ser o maior conhecedor do mundo do vício e dos prazeres. Mas a fama muitas vezes esconde segredos negros, e quando a nada convencional Pippa lhe pede que lhe arruíne a reputação, isso vai ameaçar tudo o que ele sempre se esforçou por proteger.

**Cross sente-se tentado a dar a Pippa precisamente
o que ela quer... mas vai precisar de toda a sua força
de vontade para lhe resistir e para não lhe dar,
até, muito mais do que ela alguma vez
imaginou que queria.**



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-17-6



9 789898 800176

Ficção Romântica